

Do vocabulário ao dicionário: a lexicografia bilingue português-neerlandês-português

Maria Celeste Augusto (Universidade de Utrech)

“Any non-random lexical list can be considered as a dictionary”
(Boisson 1991: 261)

0. Preâmbulo

A produção lexicográfica bilingue que concerne o binómio português – neerlandês é exígua e apresenta grandes hiatos. Somente na primeira década do século XXI é que estes serão colmatados com a edição de dicionários de grande porte. Além disso, à semelhança do que também acontece com a lexicografia bilingue relativa ao inglês (Adamska, 2009), exceptuando dois ou três casos como co-edição ou reimpressão, a maior parte das publicações aconteceu fora de Portugal. No entanto, há aspectos curiosos deste reduzido labor lexicográfico que vale a pena ressaltar e os últimos produtos podem ombrear com os seus congéneres respeitantes ao inglês ou ao francês. O objectivo deste trabalho será pois dar a conhecer uns e outros. O material lexicográfico bilingue em análise revela-se significativo em quantidade e em qualidade apenas nos últimos anos, uma vez que, entre 1999 e 2009, se publicaram nada menos do que três²⁴⁹ grandes dicionários bilingues, apresentando todos eles dois volumes (português-neerlandês e neerlandês – português).

Não se propondo oferecer sugestões, novas orientações teóricas ou diferentes recursos informáticos visando promover a elaboração de distintos dicionários bilingues ou de outro género, o presente texto tem um carácter puramente descritivo. Todavia, não se deixará de opinar sobre o valor da publicação em si, sempre que a ocasião se proporcione e se julgue pertinente para a economia do artigo. Este aspecto contemplativo do trabalho será metodologicamente levado a cabo numa perspectiva parcialmente cronológica, procurando-se separar os dicionários bilingues dos plurilingues e os de língua dos temáticos. Neste sentido, a vertente dicionário-utilizador não vai ser considerada com o objectivo de incentivar a génese de novos produtos lexicográficos bilingues de tipo pedagógico ou outro, mas apenas numa perspectiva de constatação. Tendo em conta a exiguidade, já acima referida, de dicionários bilingues português-neerlandês-português, mencionar-se-ão todos os títulos até à data conhecidos e não haverá, portanto, necessidade de se estabelecer um critério de selecção.

²⁴⁹ Mais adiante, no ponto 2, justificar-se-á porque se considera três e não quatro grandes dicionários.

Após a introdução, este trabalho apresenta duas partes, onde primeiramente se procurará focar a questão da diversa nomenclatura do neerlandês e, numa óptica diacrónica e até 1986, toda a produção lexicográfica em que o português e o neerlandês apareçam contrapostos. Dar-se-á às publicações bilingues uma maior atenção do que às plurilingues, assim como aos dicionários de língua relativamente aos temáticos. Na segunda parte será considerada a lexicografia bilingue luso-neerlandesa publicada a partir de 1999, ou seja, os três grandes dicionários publicados pela Porto Editora, pela Spectrum / Verbo e pela Van Dale. No final, alguns anexos procurarão ilustrar determinados dicionários analisados.

1. Lexicografia luso-neerlandesa: visão diacrónica geral

1.1. Introdução: a questão da diversa nomenclatura do neerlandês

Antes de se entrar propriamente no assunto deste ponto, parece-nos ser conveniente examinar a questão da variada nomenclatura da língua que dá principalmente pelos nomes: *holandês*, *neerlandês*²⁵⁰ e *flamengo* e que também já foi denominada *língua belgica* e *baixo alemão*²⁵¹ e até *duutsch*²⁵². Esta questão é pertinente porque pode divergir de uma publicação para outra e até de uma edição para a seguinte. A oscilação verificada no nome dado à língua falada²⁵³ pelos habitantes do território pertencente aos espaços políticos, hoje denominados Holanda e Flandres (parte norte ocidental da Bélgica), tem-se manifestado frequentemente ao longo dos anos. Assim, verificou-se em 1714-1718 nas edições da obra de Alewijn, que aparecem com várias folhas de rosto e com vários títulos; uma edição, dita de 1714, na primeira folha de rosto, regista *Tesouro dos Vocábulos das duas Línguas, Português e Bélgica* e na segunda dá como título *Woordenschat der twee Taalen, Portugeesch en Nederduitsch* [Vocabulário das duas Línguas Portuguesa e Baixo-alemã]. Alguns exemplares apresentam ainda uma outra folha de rosto com um título em português *Vocabulário das duas línguas portuguesa e flamenga ... em que se explicam as palavras, termos e phrases mais necessárias*²⁵⁴, indicando como ano de publicação 1718²⁵⁵. Na denominação *língua belgica*, o adjectivo belgica vem do lat. BELGICUS e fundamenta-se no facto de se supor que o espaço geográfico, hoje ocupado pelo sul dos Países Baixos e pela Bélgica, ter sido habitado pelos *belgen*, um grupo étnico de origem germânica, que, inclusivamente,

²⁵⁰ Doravante empregar-se-á a palavra *neerlandês* para designar a língua em análise e *holandês* para denominar a população do espaço geográfico-político que dá pelo nome de Holanda.

²⁵¹ Sobre este assunto ver, entre outros, Huylebrouck (1985) que, de modo sucinto mas bastante completo, clarifica esta questão.

²⁵² Esta forma do médio neerlandês tinha duas acepções “germânico” e “neerlandês” e apresenta a forma paralela *diets* em “flamengo”, este no sentido de falar da zona da Flandres. Da forma antiga *duuts(ch)* derivou a palavra inglesa *Dutch* (nome dado à língua e ao povo), cf., principalmente, Veen (1997) e Franck (1976). Todas estas formas são os continuadores de TEUTĀ (povo, país), que, por sua vez, é um derivado da raiz indo-europeia *tēu-*, *tū-*, etc., (Pokorni, 1959).

²⁵³ A diversidade e abrangência da denominação também se verifica relativamente aos habitantes da região. Assim, por exemplo, o estudo de Mello (1987) intitulado *Tempo dos Flamengos* tem como subtítulo *Influência da ocupação holandesa na vida e cultura do norte do Brasil*. Na nota à segunda edição, o autor justifica o emprego de flamengos alegando que a Holanda foi a sucessora económica da Flandres e, por isso, herdou o nome também, além disso, sabe-se que os colonizadores em questão eram oriundos do norte das Províncias Unidas e não da Flandres; na mesma nota, Mello refere-se a um João *Flamengo de Olanda* (sublinhado nosso). Também quando se fala da *pintura flamenga* não se excluem artistas de fora da Flandres.

²⁵⁴ Kloosterboer (1957).

²⁵⁵ Worp (1884) assevera que a data 1714 está incorrecta uma vez que, nesse ano, Alewijn ainda se encontrava em Amsterdão; como se verá Alewijn só empreende a tarefa de fazer o dicionário quando está em Batavia.

transitou até o sul da Grã Bretanha. Quanto ao emprego de *Nederduitsch*, ou seja Baixo – alemão, é uma denominação hoje desusada, que foi empregue por oposição ao Alto-alemão; presentemente Baixo-alemão denomina os dialectos do norte da Alemanha (Claes, 1980). Um caso semelhante voltou muito recentemente a acontecer com as duas edições da bibliografia dos dicionários de língua neerlandesa de F. Claes. Na edição de 1980, a obra intitula-se *A Bibliography of Netherlandic*²⁵⁶ *Dictionaries - Dutch-Flemish*, todavia, a edição revista e alargada de 1995 dá pelo nome de *A Bibliography of Dutch Dictionaries*. O consenso, apoiado nas directrizes emanadas do organismo supra nacional, criado em 1980, Taalunie [União Linguística] é dar à língua derivada do ramo do Germânico Ocidental e que é a língua oficial da Holanda ou Países Baixos (do norte) e da Flandres (antigos Países Baixos do sul e hoje parte da Bélgica) o nome de *neerlandês*, embora popularmente e em meios menos oficiais se continue a denominá-la erroneamente holandês e / ou flamengo. Estas oscilações acerca da nomenclatura da língua e também do habitante, sobretudo em relação ao emprego de *holandês* e *flamengo*, tiveram uma origem socioeconómica, política e cultural, que se sintetiza a seguir. A supremacia do Condado da Flandres, centrada em Bruges no século XIII, vai alastrar para outras regiões passando a palavra *Flamengo* a designar a língua, mas igualmente viajantes, missionários e comerciantes de outras regiões, como os Países Baixos e até zonas da Alemanha; a situação altera-se a partir do século XV, quando o Brabante passa a ser o centro mais importante e cidades como Antuérpia se transformam no pivot da hegemonia comercial e financeira; em 1585 dá-se a tomada de Antuérpia que arrasta consigo a fragmentação dos antigos Países Baixos: o sul católico fica dominado pelos espanhóis e o norte, maioritariamente protestante e tornando-se independente, vai dar origem aos Países Baixos de hoje. Estes vão receber também a designação de Holanda, uma vez que é a província de Holland, abrangendo cidades como Amesterdão, Roterdão e Haia, que vai ser o centro dominante. A importância da região transmite-se aos seus dialectos. Estes vão constituir a base da língua moderna e oficial de todas as regiões²⁵⁷, o *neerlandês* que recebe, paralelamente mas impropriamente, o nome de *holandês*, tradução de *hollands*, o dialecto principal de Holland (Huylebrouck, 1985: 349-352).

1.2. Os vocabulários

A dicionarística luso-neerlandesa, à semelhança dos seus pares, apresenta-se como um continuador da prática lexicográfica com base no latim. Os glossários e as listas de vocabulário bilingue (latim / língua vulgar) terão estado na origem dos futuros dicionários bilingues, primeiro tendo o latim como língua de partida ou de chegada e mais tarde sem recorrer a ele. Da associação de dois ou mais bilingues ter-se-ão elaborado os plurilingues como o de Calepino e o de Berlaimont²⁵⁸. Na Renascença, os movimentos de expansão levam a outros continentes, ao contacto com outras línguas e, conseqüentemente, surge a necessidade de comunicar com os seus falantes. Assim, motivos de vária ordem (políticos, económicos, culturais e religiosos entre outros) vão conduzir a um crescente interesse pelas línguas vulgares o que, por sua vez, vai nortear a elaboração de produtos lexicográficos, dedicados muito deles à aprendizagem das línguas modernas e já sem recorrer ao latim.

²⁵⁶ O autor justifica o emprego de *Netherlandic* do seguinte modo: “I decided to use the term *Netherlandic*, propagated especially by C. B. van Haeringen, who avoids using the term *Dutch* because of its imprecision”, (Claes, 1980: XI).

²⁵⁷ Exceptua-se a província de Friesland, cuja língua é o frísio. Esta língua germânico-ocidental está mais próxima do inglês do que o neerlandês, sendo tida pelos habitantes da região como língua materna.

²⁵⁸ Finoli (1989: 336) considera dois tipos de dicionários plurilingues: “les pratiques et les doctes”, pertencendo o de Berlaimont aos primeiros e o de Calepino aos segundos (apud Lillo, 2002: 47).

Passando ao caso específico das relações português – neerlandês, os primeiros contactos entre os seus falantes datam já das Cruzadas²⁵⁹ e do comércio de sal, cuja exploração (Rau, 1951, 1963, 1984) se inicia em época romana e terá o seu período áureo nos séculos XV e XVI²⁶⁰. Se o contacto por ocasião das Cruzadas foi esporádico o mesmo não se pode dizer dos intensos contactos comerciais²⁶¹ em Lisboa, nem dos contactos no Oriente, onde, nos séculos XVI, XVII e XVIII, o português funcionou como língua franca²⁶² para o contacto entre europeus e nativos e até para o contacto dos europeus entre si.

Durante a Inquisição assiste-se à partida de inúmeras famílias judaicas que se fixam, principalmente, em Amesterdão, mas o carácter fechado da comunidade não pode permitir grandes contactos linguísticos. Todavia, mais tarde, a pregação na sinagoga passará a ser feita em neerlandês, o uso do português mesmo no seio das famílias é ultrapassado pelo de neerlandês e, não obstante os esforços de Moisés Cohen Belinfante em 1816 para produzir alguns materiais²⁶³ para o ensino e manutenção da língua portuguesa, esta vai sobreviver somente em fórmulas fixas de orações e em palavras soltas. A permanência dos holandeses no Brasil durante a primeira metade do século XVII também não deixou herança lexicográfica.

Deste modo, muito embora o contacto entre falantes de português e de neerlandês fosse variado e intenso, a matéria lexicográfica gerada em que o português e o neerlandês emparceiram é diminuta.

A primeira vez que o português e o neerlandês aparecem juntos num dicionário é em 1598, no *Colloquia, et dictionariolum octo linguarum: Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae, Portugellicae*²⁶⁴ de Noël de Berlaimont. Editado em Delft, também conhecido apenas pelo nome do autor, os *Colloquia*, compreendendo variavelmente entre 2 a 8 línguas²⁶⁵, serão objecto, até 1750-59, de cerca de 150 edições, levadas a cabo em Amesterdão, Delft, Veneza, Londres e Bolonha, entre outros, (Timeli, 1992). Este dicionário plurilingue parte do *Vocabulaire* do mesmo Berlaimont, um mestre escola; editado pela primeira vez em 1530, em Antuérpia, como vocabulário bilingue Flamengo-Francês, destinava-se a ser usado por comerciantes e crianças das escolas. Tratava-se de um pequeno manual incluindo diálogos sobre assuntos do quotidiano, exemplos de cartas, particularmente sobre temas comerciais e de finanças, listas de vocabulário e alguma informação gramatical. Portanto, o intuito primeiro do autor foi elaborar, não um dicionário, mas um manual para o ensino de uma língua estrangeira

²⁵⁹ D. Afonso Henriques foi auxiliado na conquista de Lisboa por flamengos a caminho da Terra Santa.

²⁶⁰ A região de Setúbal será a mais conhecida devido à produção e exploração de sal, que os holandeses (na altura chamados flamengos) importavam em grandes quantidades para procederem à salga do arenque. A fama de Setúbal será tão grande que, a certa altura, é considerado a capital em vez de Lisboa.

²⁶¹ Havia mesmo casas comerciais holandesas estabelecidas na capital. A correspondência comercial dos holandeses estabelecidos em Lisboa, entre 1572-1594, foi estudada por Nanninga Uitterdijk (1904). É também desta altura que palavras como *bodemeria* e *escaparate* foram importadas pelo português. Cf. Vidos (1953-1955) e Augusto, “Périplos lexicais e extensões semânticas decorrentes de situações de contacto entre línguas”, (em prepração).

²⁶² Sobre a importância do Português no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII veja-se, sobretudo, Lopes (1969) e Yule (1903). Em relação aos esforços envidados pelos holandeses para impôr o neerlandês face à supremacia usufruída pelo português remete-se, entre outros, para Lopes (1969) e Ginneken (1928).

²⁶³ Belinfante publicou *Elementos de soletrar da língua portuguesa ... e Lições de leitura Portuguesa...* duas obras de reduzido valor didáctico; para maior detalhe ver Teensma (1984-1987) e Haage (1993).

²⁶⁴ A recente edição crítica dos *Colloquia* com 8 línguas, segundo a edição de 1656, por R. Rizza et alii (1996) veio possibilitar a todos a sua consulta.

²⁶⁵ Claes (1995: 161), sob o número 2156, para além da edição de 1598, regista até 1677, mais 18 edições incluindo o português, enquanto Verdeyen (1926) diz ter havido para além da 1ª edição mais 13 edições até 1692. Timeli (1992) justifica a introdução do português nos *Colloquia*, com a presença, em Antuérpia, da colónia de judeus portugueses, emigrados devido à Inquisição.

e dar material que permitisse ao aprendente exprimir-se e comunicar autonomamente²⁶⁶. Estes primeiros dicionários plurilingues, ao reproduzirem com maior fidelidade do que os monolingues o uso quotidiano e contemporâneo da língua (Quemada, 1960), revelam-se, assim, uma fonte preciosa para a análise do estágio das línguas na época da sua edição.

Excluindo as edições dos *Colloquia* com 8 línguas, só passados 116 anos, isto é em 1714²⁶⁷, é que o português e o neerlandês surgem novamente emparceirados lexicograficamente e, pela primeira vez, num dicionário bilingue. Da autoria conjunta de Abraham Alewijn e Joannes Collé, é publicado em Amesterdão, por Pieter van der Berge, *Tesouro dos Vocábulos das Línguas Português e Bélgica / Woordenschat der twee Taalen, Portugeesch, en Nederduitsch* (Claes, 1995: 138, n^o 1863). O primeiro dos autores, funcionário da Companhia das Índias Orientais, residindo na altura em Batávia, ao pretender estudar o português deu-se conta do seu 'mau estado'. Como na dedicatória do livro afirma, em Batávia, havia apenas duas línguas principais o malaio e o português²⁶⁸, sendo a primeira usada no contacto com os naturais, mouros e chineses e a segunda para comunicar não só com os nativos mas igualmente com os residentes, ou seja, europeus ou outros não falantes de malaio. Por este motivo vê-se 'obrigado', como ele diz, a aprender o português, a fim de poder comunicar não só com os nativos mas também com os residentes não falantes de malaio; como já possui conhecimentos de latim, de italiano e de francês, acredita que tem a tarefa aligeirada. Sendo o português de Batávia, no dizer de Alewijn, só usado correctamente pelos predicantes, decide fazer um dicionário na esperança de poder igualmente contribuir para um aperfeiçoamento do português falado em Batávia. O empreendimento é-lhe facilitado quando Joan Collé, um comerciante natural de Batávia e bom conhecedor do português, lhe passa um dicionário Latim-Português-Castelhano de Bento Pereira, publicado em Lisboa em 1674, que ele próprio já começara a traduzir para o neerlandês. Alewijn, sendo porém coadjuvado por Collé, encarrega-se de prosseguir a tradução iniciada, servindo-se também de um dicionário Português-Inglês de 1701, de um autor inglês que, segundo ele, seguiu Bento Pereira 'palavra a palavra'²⁶⁹.

A obra, que comporta uma dedicatória e um dicionário com XIV e 933 páginas, tem uma macroestrutura de cerca de 26.224 entradas; estas podem ser palavras simples ou segmentos de mais de um elemento que encabeçam verbetes muito simples. A palavra ou palavras dos segmentos cabeça do verbe são acentuadas com um acento agudo para indicar a sílaba de maior intensidade e, deste modo, orientar a sua leitura, como por exemplo '*Cabeçúdo*, of [ou], de gránde Cabéça'²⁷⁰. Muita da informação, que, presentemente, se registaria no interior da micro-estrutura, é dada numa entrada própria. Assim, os segmentos '*Cabelínho*', '*Cabelínhos das oréllbas*', '*Cabelínhos das véntas*', '*Cabéllo*', '*Cabéllo comprido*', '*Cabéllo encrespádo*', '*Cabéllo postíço*', '*Cabellúdo*' têm cada um a sua entrada própria. A fraseologia abunda e encontram-se

²⁶⁶ Para uma descrição mais detalhada do conteúdo da obra de Berlaimont, ver Timeli (1992) e Verdeyen (1925 - 1935). Este último, num estudo em 3 volumes, trata, nos dois primeiros, da edição dos *Colloquia* com 7 línguas. No terceiro volume, publicado dez anos mais tarde, Verdeyen apresenta um complemento da informação geral dada no volume 1 com dados vindos, posteriormente, ao conhecimento do autor e acrescenta um glossário Neerlandês-Francês contrastivo das edições de 1536 e 1616.

²⁶⁷ Cf. nota 7.

²⁶⁸ Em certas zonas, o que predominava era não o português mas o *malaio-português*, a língua que se originara da fusão de um 'linguajar' (Teensma, 1984-1987), isto é, do português simplificado e usado nas costas da África Ocidental, com elementos das línguas asiáticas.

²⁶⁹ Cf. Alewijn (1714/1718), *Opdracht aan d'Edele Groot Achtbare Heeren* [Dedicatória aos nobres Senhores]. Segundo Teensma (1984-1987: 204), as obras referidas por Alewijn são *Prosodia in vocabularium trilingue Latinum, Lusitanum & Castellanicum digesta* de Bento Pereira e *A compleat account of the Portuguese Language, being a copious dictionary of English with Portuguese, and Portuguese with English ...* by A. J., publicado em Londres por R. Janeway.

²⁷⁰ Neste aspecto Alewijn diz ter seguido o exemplo do autor inglês do dicionário Português-Inglês, que lhe serviu também de modelo.

enunciados como ‘*Ad*²⁷¹ *fálsa fê*’, ‘*Cabér por sórté*’, ‘*Madrínha da píá*’, ‘*Máy de famíllas*’ ou ‘*Refundír o férro vélho*’. Alweijn, quando não encontra um equivalente em neerlandês, para uma determinada palavra ou conceito, procura dar destes uma definição ou faz uma paráfrase como se vê a seguir: ‘*Azínhéira. een zoort van een eike, of eeke-boom* [uma espécie de carvalho ou carvalho]’, ‘*Maça péra maçar linho*’ *een hamer, waar mede men de hennip, of het vlas klopt* [um martelo com que se bate o cânhamo ou o linho]’. Os sinónimos não são registados no interior do artigo mas logo a seguir à palavra que identifica a entrada como nos exemplos: ‘*Cabedéllo, of [ou], mónte de aréa*’, ‘*Manchádo, a, of [ou], Sijó*’. Registam-se também algumas remissões do tipo: ‘*Macilento, ziet [ver]*, ‘*Mágró*’, ‘*Varár, ziet [ver]*, ‘*dár Cóstá*’. Por vezes, acontece a palavra receber um equivalente em neerlandês e uma definição como em ‘*Maremóto, een zee-beving [...] gelijk een aardbeving op’t land* [igual a um tremor de terra (em terra)]. Para além da suposta edição de 1714 e da de 1718, ambas em Amesterdão, não se conhecem outras edições. Marcus de Jong, em 1937, na *Bibliografia Filológica Portuguesa II*: 406, escreveu uma crítica pouco abonatória da obra (apud Teensma, 1984-1987).

Se bem que não se possa considerar como um verdadeiro produto lexicográfico, há que mencionar, devido à ‘nomenclatura copiosa’ bilingue que inclui, a publicação em 1742, em Lisboa, de uma gramática pelo padre Carlos Folqman. Trata-se de uma gramática do neerlandês (pp. 1-86), seguida de uma nomenclatura neerlandesa e portuguesa por campos semânticos (pp. 87-101), uma lista dos verbos mais frequentes (pp. 101-106), de uma série de diálogos em neerlandês e em português, como por exemplo “Entre hum portuguez e hum francez” ou “Hum caminante perguntando o caminho” (pp. 106-122) e que finaliza com uma “Collecção de varios proverbios holandezes e portuguezes”, (pp. 122-127). Desta gramática fizeram-se, em 1742 e na mesma “Offic. dos Herd. de Antonio Pedrozo Galram”, duas gramáticas: uma com o título em português e em neerlandês e outra com o título só em português²⁷². Curiosamente, verifica-se que, apenas na edição com o título em neerlandês, diz tratar-se de uma ‘gramática portuguesa e holandesa’, e, além disso, é também apenas nessa edição que se diz incluir uma exposição sobre a pronúncia Portuguesa. Um aspecto, que, na realidade, parece muitíssimo pouco para se poder aprender uma língua. Além do mais, a anunciada ‘Gramática portuguesa’ apenas consta do título. Em 1765, em Amesterdão, a obra é reeditada pelo autor, com o título em português e em neerlandês e anunciando, a seguir ao título, ser composta por um certo mestre F. D. B.. No prefácio desta edição, o autor esclarece que a gramática está feita para os portugueses que querem aprender o neerlandês, assim como para os holandeses que desejem aprender o português. Em 1804, em Lisboa e na Impressão Régia, faz-se uma reedição desta gramática, de novo com o título nas duas línguas e registando, explicitamente, como autor Padre Carlos Folqman. A obra terá sido de grande utilidade para os sefarditas que, no dizer de Teensma (1984-1987: 205-207), na altura comunicavam sobretudo em neerlandês por que a ‘qualidade do seu português vai de mal a pior’.

²⁷¹ O emprego da vogal geminada indica que se está perante uma contracção da preposição *a* com o artigo definido *a*, como no segmento ‘*A as apalpadéllas*’. Por vezes a contracção é grafada do seguinte modo ‘*Aas cégas*’.

²⁷² Título em Neerlandês e Português: *Portugeese en nederduitse spraakkonst, met eene wydloopige naam-noeming, verscheide t'zamenspraaken, en eene verzameling van de uitgelezenste spreekwoorden van beide taalen. Grammatica hollandezá; ou, Arte compendiosa para hum portuguez aprender a lingua hollandezá; com huma nomenclatura copiosa, varios dialogos e huma collecção dos mais selectos proverbios de ambas as linguas.* Título apenas em português: *Grammatica hollandezá, ou arte compendiosa para hum Portuguez aprender a lingua hollandezá: com huma nomenclatura copiosa, varios dialogos e huma collecção dos mais selectos proverbios de ambas as linguas.*

Ainda no século XVIII, mais precisamente em 1780, foi publicado em Batávia por Lodewijk Dominicus, um dicionário trilingue Neerlandês-Malaio-Português, a três colunas, que se atribui ao predicante batavo Adriaan Zomerdijk (Groeneboer, 2006). A obra chamava-se *Nieuwe Woordenschat nyt het Nederduitsch in het gemeene Maleidsch en Portugeesch, zeer gemakkelijck voor die eerst op Batavia komen*, ou seja, *Novo vocabulário do Baixo – alemão para o Malaio comum e para o Português, muito fácil para os que chegam pela primeira vez a Batávia*. Nesta cidade, por volta do ano 1779, havia 573 alunos nas escolas da Companhia das Índias Orientais (VOC = Verenigde Oost-Indische Compagnie) e 20 mestres residentes, dos quais 14 davam as aulas em português e 6 em malaio; em 1800, nas 7 escolas particulares existentes, havia somente um mestre-escola holandês (Groeneboer, 2006)²⁷³. Foi, portanto, para obviar a esta situação que o governador da altura, De Klerk, resolveu tomar medidas para promover o ensino do neerlandês introduzindo-o e alargando o seu uso nas comunidades de residentes. Consciente da situação precária do neerlandês e face à posição privilegiada do português e do malaio, De Klerk sabia que teria de passar pelos dois últimos. Como medidas práticas decidiu que, a expensas da Companhia, se reeditasse o *Vocabulário* de Allewijn, um dicionário malaio-neerlandês-malaio e um ‘manual de gramática’ de Baixo-alemão, que se presume que seja a obra acima referida *Nieuwe Woordenschat...* e mais tarde, em 1801, reeditada em Batávia (Groeneboer, 2006). Em 1802, em Amesterdão, fez-se nova reedição mas agora sem o português, que, a pouco e pouco, ia perdendo a sua importância. O *Nieuwe Woordenschat* inclui listas de vocabulário ordenado por campos semânticos, como ‘Dias da semana’, ‘Pedras preciosas’, ‘Instrumentos de escrever’, ‘Animais, plantas e minerais’, etc. A particularidade principal no que concerne o português é este estar grafado de modo a poder ser lido por um holandês, ou seja, segundo a ortografia holandesa. Assim, por exemplo, *alto* e *rico* são grafados ‘altoe’ e ‘rikoe’ respectivamente.

1.3. Do vocabulário ao dicionário turístico

Após um hiato de 146 anos²⁷⁴, inicia-se em 1948 e vai até 1986 um período de produção lexicográfica, caracterizado pela publicação de verdadeiros dicionários de bolso para fins sobretudo turísticos. Em 1948, publica-se em Haia e em Batavia, da autoria de G. Emonds *Portugese Tolk*. Trata-se de uma publicação de 24 páginas em formato 12º, a três colunas (neerlandês, português, transcrição fonética), que inclui listas de vocabulário, sensivelmente ordenado por temas, alguma fraseologia, assim como uma ou outra estrutura subsidiária de determinados actos de fala. Do teor da obra depreende-se que, para o autor, *aprender uma língua* equivaleria a *conhecer o seu léxico*. A transcrição fonética apresentada é impressionista.

Dois anos mais tarde, em 1950, regista-se a publicação de dois pequenos dicionários de bolso. O *Nederlands-Portugees Portugees-Nederlands zakwoordenboek*, com 535 páginas, é da autoria de Van der Kemp, autor de um manual para o estudo do português e de um livro sobre correspondência comercial em português. Primeiramente, este dicionário destinava-se a ser usado com o referido material de estudo, mas, posteriormente, o autor decidiu alargar o seu objectivo, passando a ser usado também para traduções e leitura em geral. As primeiras 193 páginas compreendem a parte *Neerlandês-Português*, com cerca de 11.560 entradas. A parte *Português-Neerlandês* compreende 196 páginas e tem cerca de 11760 entradas. Os artigos são

²⁷³ Sobre a situação linguística nos séculos XVII e XVIII na Indonésia e as disposições aplicadas para incrementar o uso do neerlandês ver, entre outros, Groeneboer (2006) e Wely (2006).

²⁷⁴ No século XIX e primeira metade do século XX, publicaram-se cerca de 14 manuais para o ensino do português e do português do Brasil mas sem valor lexicográfico; para maior detalhe cf. Kloosterboer (1957).

muito simples, os exemplos são quase inexistentes assim como a fraseologia. Nota-se que, ao nível dos equivalentes atribuídos e das combinatórias possíveis, os artigos de neerlandês sofreram maior desenvolvimento do que os de português. O dicionário não foi reeditado.

O segundo dicionário, publicado em 1950, insere-se na série Van Goor's de dicionários de bolso bilingues Neerlandês / língua moderna, em formato duodécimo, sendo publicado em Haia e em Djakarta. O autor principal, J. Van Rooyen, tinha sido vigário no Brasil, em Itajubá, e, no pequeno prefácio, diz que o dicionário se destina aos que aprendem o português na Holanda, aos que aprendem neerlandês em Portugal e nas colónias portuguesas mas, sobretudo, aos que vão para o Brasil²⁷⁵. É também bidireccional tendo sido várias vezes reeditado; a partir da quinta edição é revisto por M. M. de Bruijn, sendo a última edição, a sétima, de 1980. Nesta edição, registam-se cerca de 11.100 entradas para o português e 13.200 para o neerlandês. Uma particularidade, que decorre do objectivo da obra, é que se procura, com uma certa consequência, registar as duas ortografias a portuguesa e a brasileira, alertando-se o leitor através de uma remissão. Assim, no artigo 'ação' encontra-se: *ação* B zie [ver] *ação*, sendo sob o artigo *ação* que se registam os equivalentes; segue-se um procedimento idêntico com as restantes palavras de dupla ortografia. Relativamente à edição de 1980, verifica-se, para além de um aumento da macroestrutura, um maior cuidado na redacção da microestrutura. Porém, à semelhança do dicionário anterior, também neste os artigos de neerlandês se encontram mais desenvolvidos. Na microestrutura destes últimos regista-se alguma fraseologia, maior precisão no equivalente apresentado, algumas combinatórias, a valência de alguns verbos, expressões de âmbito comercial e alguns exemplos. Os artigos de português estão, invariavelmente, reduzidos a uma lista de equivalentes em neerlandês. Nas páginas 456-491, encontram-se os verbos irregulares das duas línguas e suas conjugações e um índice com a respectiva tradução e a página onde o verbo aparece conjugado.

1.4. *A produção lexicográfica multilingue*

Relativamente aos dicionários multilingues de tipo terminológico em que o português e o neerlandês também estão registados a par de outras línguas, indicam-se apenas alguns números até 1990, que se apuraram da consulta de Claes (1995). Esta obra apresenta 4.500 entradas referentes a dicionários, ou semelhantes, relacionados com o neerlandês, que se publicaram no período 1477-1990, sendo 1477 a data da publicação do primeiro dicionário neerlandês impresso. Data de 1581²⁷⁶ a primeira obra de cariz lexicográfico em que o português e o neerlandês aparecem juntos. Desta data até 1990, o português e o neerlandês apareceram em 122 publicações com quatro ou mais línguas, não se contando as reedições. Até ao século XX registou-se a publicação de apenas 21 dicionários multilingues (entre 8 e 52 línguas) em que as duas línguas estão simultaneamente incluídas. Daqui se conclui que a maior quantidade de publicações multilingues que concernem o português e o neerlandês pertence ao século XX, cobrindo principalmente áreas como pesca, náutica, agricultura informática, etc.

²⁷⁵ Como se sabe, após a Segunda Guerra Mundial houve forte emigração da Holanda para o Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Brasil.

²⁷⁶ Em 1581, foi publicado em Antuérpia, por C. Plantijn, o *Plantarum seu Stirpium Icones* da autoria de Mathias Lobelius, em que emparceiram 8 línguas a saber: inglês, francês, alemão, italiano, latim, português, espanhol, neerlandês.

2. Lexicografia bilingue luso-neerlandesa contemporânea

2.1. O dicionário *Thieme / Standaard*

Escolheu-se o ano 1986, como marco inicial para abordar a lexicografia bilingue luso-neerlandesa contemporânea, porque é nesta data que, finalmente, surge um dicionário que, embora de bolso, apresenta uma qualidade que, de longe, ultrapassa os anteriores. Trata-se do *Thieme's zakwoordenboek Portugees-Nederlands*, de Miraldina Baltazar, Willem Bossier e Gabriël van Damme, publicado pela parceria Standaard / Thieme. Este dicionário é reeditado em 1993, 2000, 2002 e 2006, perfazendo, com esta última edição, a 7ª edição. O volume *Neerlandês-Português* é editado pela 1ª vez em 1989 e seguem-se reedições em 1998, 1999, 2002 e 2006, sendo a última, a 9ª.

A partir do momento em que o dicionário deixa de ser editado pela Thieme's (*Português-Neerlandês* em 2000 e *Neerlandês-Português* em 1998) e passa a sê-lo pela Standard e seguidamente pela Spectrum, verificam-se, em ambos os volumes, alterações que vão do aspecto e disposição gráficos até à organização da macro- e microestruturas. À última, principalmente, foi dada uma especial atenção. Deste modo e apenas como exemplo, no volume *Neerlandês-Português* de 1989, no artigo *correct* foram incluídos: *correctie, correctioneel, corrector*. Na edição de 1998, os três últimos segmentos foram objecto de um artigo cada, de acordo com as normas lexicográficas vigentes do neerlandês. Da edição de 2002 em diante, o dicionário foi inserido na série *Prisma Woordenboek*, que, para além de dicionários de bolso, produz dicionários de maior porte, como a seguir se pode verificar. Todas as edições incluem no início dos volumes um apêndice com informação sobre abreviaturas, alfabeto, fonologia, acento, ortografia e pronúncia, estas com referência também à variante brasileira, e alguns pontos da gramática; no volume *Neerlandês-Português* a informação é em português sobre o neerlandês, acontecendo o inverso no volume *Português-Neerlandês*.

Em relação às publicações iniciadas nos anos 50, que não passavam de meros dicionários de viagem, e concordando-se com Huylebrouck (1987), a melhoria trazida pela edição destes dicionários é notável. Possuem uma macroestrutura maior, dão alguns exemplos, registam palavras compostas e derivadas, nuances de significação e a classificação gramatical e o género da entrada, como dos equivalentes que lhe são atribuídos. Todavia, apresentam algumas pequenas incoerências: umas, características de uma obra que se pode considerar pioneira e outras, devido ao facto de determinados princípios da lexicografia bilingue não terem sido consequentemente seguidos, como por exemplo relativamente ao estabelecimento de prioridades na escolha dos itens que compõem a macroestrutura da edição de 1986. Neste ponto, temos de, novamente, concordar com Huylebrouck (1987). Os autores têm procurado rever, aperfeiçoar e aumentar as várias edições que se têm feito, no entanto, há pequenas imperfeições que perduram e que se devem ao facto de algumas edições mais parecerem reedições. Assim, em relação às abreviaturas inseridas no interior das microestruturas, verifica-se que umas são derivadas do português e outras do neerlandês e em ambos os volumes, como se pode verificar na lista de abreviaturas. Esta lista, inserida no início dos dois volumes, têm-se mantido inalterável desde a edição de 1986 até à de 2006 e apresenta casos como:

<i>aadr.</i>	geografia	aardrijkskunde
<i>abrev.</i>	abreviatura	afkortink
<i>biol.</i>	biologia	biologie
<i>conj.</i>	conjunção	voegword
<i>dierk.</i>	biologia	dierkunde
<i>geogr.</i>	geografia	aardrijkskunde
<i>hand.</i>	comércio	handel

Como se verifica há redundâncias, por exemplo com geografia, que umas vezes é *aardr.* e outras *geogr.*, e incongruências visto que biologia é *dierk.* e *biol.* também. Não se tendo operado de modo coerente, resulta terem-se misturado as duas línguas, sem que se indique um motivo.

Voltando à questão dos critérios de selecção dos componentes que integram a macroestrutura, que se considera basilar na criação de um dicionário bilingue, seja ele de bolso ou não. Diga-se que, na última edição, a de 2006²⁷⁷, a selecção dos itens foi, consideravelmente, melhorada, tendo sido tomadas em boa conta as observações vindas a lume nas recensões. Todavia, subsistem pequenos pormenores no que toca a macro- e microestruturas, que talvez se possam contemplar em futuras edições; atente-se, a título de exemplo, na palavra *abajur*, que conquanto não nos pareça um vocábulo de grande prioridade, principalmente num dicionário de bolso²⁷⁸, onde certamente bastava ser incluído uma única vez, mereceu, a partir de 2000, três artigos no volume *Português-Neerlandês*, a saber: *abaixa-luz*, *abaju(r)* e *quebra-luz*. Considerando que, *abaixa-luz*²⁷⁹ não é incluída no *Dicionário Editora* e que o *Dicionário de Aurélio* a menciona mas remete para *abajur*, acredita-se que o espaço poderia ser aproveitado para registar palavras como *abanar-se*, *diferendo*, *piorio* ou mesmo *pisgar-se* ou alargar o artigo referente a palavras como *decisão*, *fatia*, *poupar*.

As observações acabadas de fazer sobre estes últimos dicionários em nada diminuem a sua mais-valia no âmbito da lexicografia bilingue luso-neerlandesa, uma vez que eles foram os primeiros com cariz lexicográfico.

2.2. O dicionário da Porto Editora

Os grandes dicionários bilingues luso-neerlandeses, que se vão abordar segundo a ordem de publicação, começam a ser lançados em 1999, sendo os últimos de 2009; logo, está-se perante uma actividade recente.

O primeiro é o *Português-Neerlandês* da autoria de C. H. A. Keesom e publicado pela Porto Editora. Trata-se de um volume de 462 páginas, sem um prefácio, onde se deveria alertar para o facto de a obra se basear principalmente no português do Brasil²⁸⁰, nem indicações quanto ao modo de utilização. Comporta uma longa macroestrutura (38.000 entradas, segundo a contra-capa), porque inclui, para além de um abundantíssimo léxico referente aos campos da Zoologia, da Botânica, do Direito, da Medicina e de muitos mais, sobretudo brasileiros, palavras de pouca frequência como: *abdicator*, *abdominoso*, *abléfaro*, *acambetado*, *artófago*, *decorticar*, *inconsumpto*, *prógnato*, *reixa*, *seríceo*, *vivissecação*, etc. Do que se deduz ter havido um inexplicável critério de selecção e de estabelecimento de prioridades na constituição da macroestrutura, tendo-se em conta de que se está perante um dicionário de língua de uso geral.

As microestruturas são extremamente pobres. Apenas a palavra que encabeça o artigo é provida de classificação gramatical²⁸¹; no interior da microestrutura as diferentes acepções, que ela possa veicular, não são referidas, e os seus possíveis equivalentes encontram-se registados uns a seguir aos outros, tipo lista. Porém, faz-se uma distinção, relativamente às diferentes

²⁷⁷ Os volumes *Português-Neerlandês* e *Neerlandês-Português* comportam L, 523 e XL, 616 páginas, respectivamente, num formato de bolso, grande, e apresentam 31000 artigos o primeiro e 47000 o segundo.

²⁷⁸ O mesmo se poderia dizer da inclusão de palavras como *decalátero*, *fauvismo*, *geomagnético*, *gliptodonte* ou *penteeiro*, que se julga terem maior cabimento num dicionário especializado ou técnico do que num dicionário de bolso.

²⁷⁹ Numa rápida consulta em Google, esta palavra apresenta uma frequência de apenas 1100.

²⁸⁰ Curiosamente, não indica a ortografia brasileira de palavras como *acção*, *aguentar*, *adjectivo* ou *baptizar*.

²⁸¹ Por vezes, o infinitivo substantivado do neerlandês é acompanhado por *het*, a forma neutra do artigo definido.

categorias gramaticais que a palavra entrada do artigo possa admitir. Exemplos, fraseologia, regência verbal ou nominal estão, na maior parte dos casos, quase invariavelmente ausentes. Por exemplo, uma palavra como *equipa* recebeu um tratamento mais desenvolvido no dicionário de bolso de 2000 da equipa Baltazar et alli do que neste dicionário.

Apenas para ilustrar o que se acaba de relatar, seleccionaram-se, aleatoriamente, alguns artigos e páginas e elaboraram-se os quadros seguintes, de cuja leitura se poderá constatar que a informação inserta neste volume convém mais aos dicionários especializados do que a um dicionário que pretende ser de língua.

Artigo	Equivalentes sem contexto	Fraseologia	Exemplos
empolgar	15	0	0
escamotear	7	0	0
galante	7	0	0
recreio	4	2	0
refazimento	6	0	0
roubalheira	6	0	0

Quadro 1 — Exemplo do conteúdo de alguns artigos

Página	Nº de artigos	Termos especializados
11	93	25
59	83	23
136	98	21
315	103	39
total	377	108

Quadro 2 — Relação entre língua comum e segmentos especializados

Em 2002, também pela Porto Editora, é publicado o volume *Neerlandês-Português*, com cerca de 45.000, artigos, cuja autoria pertence, em mais de dois terços, ao falecido Dr. Luís Crespo Fabião, leitor de neerlandês da Faculdade de Letras de Lisboa e eminente germanista. A parte restante da obra terá tido a colaboração de Cornelis Jonker. A coordenação e a revisão é de C. H. A. Keesom. Este volume, destinado a emparceirar com o anterior, em nada se lhe compara, nem no tipo de macroestrutura nem na organização e desenvolvimento da microestrutura; são duas obras totalmente diferentes. Os conhecimentos linguísticos e lexicográficos veiculados por este volume estão totalmente ausentes do volume *Português – Neerlandês*, atrás reportado. Na selecção dos itens que compõem a macroestrutura e na tessitura e na realização da microestrutura, reconhece-se o modelo de Van Dale²⁸² empregue na produção de dicionários bilingues *Neerlandês – língua X*. O volume é iniciado por um guia de utilização, que orienta o leitor no manuseamento do dicionário, e por uma lista de abreviaturas nas duas línguas; o género gramatical está atribuído não só à *palavra entrada* como aos equivalentes que se lhe atribuem. Examinando alguns artigos reconhece-se que as diferentes acepções da *palavra entrada* se encontram devidamente assinaladas, que o registo de combinatórias, de fraseologia e de exemplos é regra e não excepção. Deste modo num artigo como *aangeven* são indicadas e contextualizadas 4 acepções: 1- passar (a); 2- indicar; 3- declarar, denunciar; 4- assinalar. Seguidamente são apontados 8 fraseologismos, alguns dos quais através de um exemplo, como *'hebt u nog iets aan te geven?'* [tem mais alguma coisa para declarar?]

²⁸² Van Dale é uma editora neerlandesa especializada em lexicografia monolingue e bilingue.

em que se ilustra o facto de a partícula *aan* que acompanha o verbo ser separável. Um simples artigo sobre *goud* [ouro] apresenta 10 enunciados de tipo fraseológico como ‘*ik had het voor geen goud willen missen*’ [não teria querido perder isso por nada deste mundo]. A palavra *hand* [mão] foi objecto de um artigo que abrangeu 3 colunas completas enquanto o artigo *mão* no volume *Português-Neerlandês*, apesar de ser uma das honrosas excepções quanto ao seu desenvolvimento, não conseguiu completar dois terços de uma coluna. Os enunciados de tipo proverbial, sempre que não tenham um correspondente em português, não deixam de ser assinalados, sendo o seu conteúdo explicado, como se vê nos exemplos seguintes: ‘*met de mond vol tanden staan*’ [estar com a **boca** cheia de dentes] ‘não saber o que haver de dizer’ ou em ‘*als mosterd na de maaltijd komen*’ [vir como **mostarda** depois da refeição] ‘chegar demasiado tarde’, no artigo dedicado a *mond* e a *mosterd*, respectivamente.

Por conseguinte, e apesar das imperfeições que tem como qualquer outro dicionário, este volume faz jus ao que sobre ele se anuncia na contracapa “Obra indispensável para a correcta utilização da língua neerlandesa”.

2.3. O dicionário da Prisma / Verbo

Em 2004 foi publicado, numa edição conjunta, pela Spectrum e pela Verbo, o *Prisma Groot Woordenboek Portugees-Nederlands e Nederlands-Portugees*, que foi elaborado sob a minha coordenação, por uma equipa formada por falantes nativos de português e de neerlandês. O dicionário resultou de um projecto levado a cabo no Instituto de Linguística OTS da universidade de Utrecht e foi co-financiado pelos Países Baixos, pela Flandres e por Portugal, através da Comissão de Recursos Lexicográficos da Taalunie (Haia), do Instituto de Linguística OTS (Utrecht) e do Instituto Camões (Lisboa).

O dicionário dispõe de 35.000 entradas e de 34.000 exemplos no volume *Português-Neerlandês* e de 43.000 entradas e cerca de 45.000 exemplos no outro volume. Ambos os volumes apresentam, nas duas línguas, um quadro sinóptico com as divergências ortográficas mais relevantes entre o português europeu e o do Brasil e um guia de utilização; no fim dos dois volumes encontram-se duas listas: uma com os verbos irregulares do português e outra com os de neerlandês. Há ainda uma Introdução, em neerlandês no volume *Neerlandês-Português* e em português e em neerlandês no outro volume. Na referida Introdução, que incorpora uma listagem com todas as abreviaturas empregues (no âmbito da classificação gramatical, do nível de língua e da terminologia) em português e em neerlandês, é dada informação sobre:

- o público a quem a obra se destina,
- a ortografia seguida e a anotação de casos específicos,
- o vocabulário técnico e especializado inserido,
- a anotação gramatical da palavra entrada como dos seus equivalentes e o modo como dados gramaticais adicionais são registados,
- a organização interna do artigo,
- o modo de inserção da fraseologia, das combinatórias lexicais preferenciais, dos exemplos e, finalmente, dos enunciados idiomáticos ou de carácter proverbial.

Quanto à selecção da macroestrutura dispôs-se de duas bases de dados, uma do português (cedida pela *Verbo*) e outra do neerlandês (*RBN* [Referentie Bestand Nederlands²⁸³], que foram expressamente criadas para a produção de dicionários bilingues. Assim, embora não se trate de um dicionário de tipo pedagógico, durante a sua elaboração foi posto um cuidado

²⁸³ Esta base de dados foi elaborada sob os auspícios da já mencionada Taalunie [União Linguística].

especial nos aspectos estruturais e semânticos das duas línguas com os quais, numa perspectiva contrastiva, o utilizador da língua alvo necessita de ser confrontado. Consequentemente, há uma insistência nas respectivas microestruturas quanto às diferentes acepções da palavra, aos níveis de língua, à valência verbal, à regência preposicional, aos usos idiomáticos e específicos de cada um dos sistemas linguísticos e ainda se procura ressaltar um ou outro factor de âmbito cultural.

Para exemplificar o que acima se afirma considere-se os artigos dedicados, no volume *Português-Neerlandês*, a *olho*. Esta palavra recebeu três artigos: 1- como nome masculino; 2- como elemento de uma locução; 3- como elemento de um segmento idiomático. No artigo 1 são tratadas doze acepções da palavra enquanto parte anatómica, atenção, buraco, nascente, etc., que são ilustradas por segmentos como *olhos vesgos/tortos, é preciso muito olho, os olhos do queijo e olho(s) de água*. No artigo 2- como elemento de locução estão registadas 11 sequências do tipo: *a olho, a olho nu, com olhos de ver, de olho em, de olhos nos olhos*. No artigo 3- como elemento de um segmento idiomático encontram-se enunciados como *chorar por um olho azeite, por outro vinagre, comer alguém com os olhos, fazer olhos de carneiro mal morto, tens mais olhos do que barriga*. No volume *Neerlandês-Português* o artigo *oog* [olho], que é um nome neutro, aponta para três acepções apenas: 1- como parte anatómica, 2- como buraco, 3- como pinta. E enquanto no volume *Português-Neerlandês* se construíram, mais duas entradas, aqui todos os segmentos de tipo idiomático ou locução são registados sob a acepção semântica a que se coadunam. Deste modo, a locução *op het oog* [a olho] aparece inserta sob 1- parte anatómica, como também enunciados do tipo proverbial *oog om oog tand om tand* [olho por olho dente por dente] e *de splinter in een anders oog zien en niet de balk in zijn eigen* [ver o argueiro no olho alheio, e não ver a trave no seu olho] e as frases idiomáticas *ergens met open ogen in trappen* [cair como um patinho] e *zijn ogen zijn groter dan zijn maag/ buik* [ter mais olhos do que barriga]. Sob 2- buraco, regista-se *door het oog van de naald kruipen* [escapar por um triz, por uma unha negra].

Por conseguinte a informação encontra-se nos dois volumes, o que difere é o modo como os artigos foram estruturados internamente. Esta divergência na maneira de expor a informação, que, de certo modo, é muito visível, quando se faz o cotejo dos dois volumes pode ser considerada por alguns como uma imperfeição deste dicionário. No entanto, pode-se dizer que ela foi motivada pelas distintas orientações lexicográficas teóricas subjacentes à criação das bases de dados de que se partiu. Além do mais, há ainda algumas ‘falhas’, por exemplo ao nível da frequência de emprego; no volume *Português-Neerlandês*, aparece *olho da agulha* quando *buraco da agulha* parece ser mais frequente e deste género de deficiências há algumas mais. Um outro aspecto que deverá merecer mais cuidado, aquando de uma reedição, é a revisão final por parte dos redactores depois de o dicionário ser dado por terminado. Isto porque há pequenos ajustes, ao nível sobretudo da consequência, que devem ser efectivados; como ilustração, no volume *Português-Neerlandês* no artigo *carneiro* 2- *fazer olhos de carneiro mal morto* tem como equivalente ‘smachtend kijken’ [olhar desejosamente / dengosamente / ansiosamente] enquanto no artigo *olho* 3- *fazer olhos de carneiro mal morto* recebe um equivalente ligeiramente diferente a saber ‘verliefde / smachtende blikken werpen’ [lançar olhares enamorados / desejosos ou dengosos]. Divergências como esta podem e devem ser eliminadas.

2.4. O dicionário da Van Dale

Em 2008, a Van Dale reedita os dicionários de *Português-Neerlandês* e de *Neerlandês-Português* que a Porto Editora publicara em 1999 e 2002, respectivamente. Os volumes, sob a chancela da Van Dale, passam a chamar-se *Praktijkwoordenboek Portugees-Nederlands* e

Praktijkwoordenboek Portugees-Nederlands, e, tendo o primeiro 609 páginas e o segundo 907, oferece cada um 44.000 artigos²⁸⁴. Os primeiros autores deixaram de ser referidos, apenas se informa que os presentes dicionários são uma versão trabalhada dos da Porto Editora. Os volumes apresentam um prefácio, lista de abreviaturas e de sinais de informação lexicográfica e um guia de utilização. No prefácio é indicado para quem se dirige o dicionário e o tipo de informação extra que está ao dispor do utilizador, ou seja, como fazer uma ‘chamada telefónica em português’, quais as formas de tratamento usadas em português, listas temáticas de vocabulário, nomes geográficos em português e modelos em neerlandês e em português de uma carta comercial e de uma mensagem electrónica para amigos. O volume *Neerlandês-Português* da Porto Editora que, como se referiu seguiu o modelo da Van Dale, apenas é reformulado no que concerne a disposição gráfica e os acrescentos acima mencionados, a qualidade da microestrutura mantém-se. Relativamente ao grafismo os volumes estão atraentes, a duas cores (a preto a macroestrutura, a azul a microestrutura e os quadros de vocabulário temático com dois tons de azul). Quanto ao volume *Português-Neerlandês*, esperava-se uma reformulação profunda e não apenas a alteração do grafismo e a inserção dos quadros temáticos acabados de aludir. Considerando os artigos inscritos no quadro 1, constatou-se na nova edição da Van Dale que a única alteração aplicada foi a atribuição de um número de ordem aos vários equivalentes, sendo esta a grande mudança operada ao nível de todas as microestruturas. Continua a dar-se a classificação gramatical apenas à ‘palavra entrada’; por conseguinte, se o utilizador precisar de criar um enunciado com um dos equivalentes propostos é obrigado a consultar o outro volume do dicionário. Uma outra alteração no interior da microestrutura é que a menção de ‘linguagem especializada’ passou a ser feita em neerlandês e não em português. Partindo do quadro 2, apurou-se, igualmente, que a inconsequente macroestrutura praticamente não foi alterada; assim, aos 377 artigos mencionados nessas 4 páginas apenas se acrescentou a palavra *crack* que, por sinal, se escreve do mesmo modo em neerlandês e também se emprega com o mesmo sentido. O aumento da macroestrutura anunciado deve-se principalmente a duas causas: 1- a inclusão de palavras como *banner*, *firewall*, *gigabyte* que são idênticas em neerlandês, ou de *hiperactivo* e de *zipar* que em neerlandês são ‘hyperactief’ e ‘zippen’, respectivamente²⁸⁵; 2- o desdobrar de artigos sempre que a palavra entrada é passível de duas categorias gramaticais, por exemplo *abeirar* e *abeirar-se* eram um só artigo e agora passaram a integrar dois. Parece-nos que a inclusão dos referidos modelos de carta comercial (um só) e de mensagem electrónica (também apenas uma), noticiados como um dos maiores merecimentos desta publicação, não têm cabimento num dicionário de língua; o seu lugar será num manual didáctico e em conjunto com mais exemplos desse teor. Não se aprende correspondência comercial partindo de um único modelo.

Em 2009, a Van Dale põe no mercado dicionários de Português-Neerlandês e de Neerlandês-Português, agora denominados *Middelgroot woordenboeken Portugees-Nederlands e Middelgroot woordenboeken Nederlands-Portugees*. Apesar de se sugerir que se trata de uma edição melhorada, como se esperaria de uma casa editora com o nome Van Dale, o produto é o mesmo. Os ‘novos’ dicionários são em tudo iguais aos publicados em 2008 (número de páginas e paginação, quantidade de artigos, macro e microestruturas) apenas diferem no nome, na capa e no facto de estarem inseridos num nova série de dicionários bilingues criada pela casa editora Trata-se, por conseguinte, de uma reimpressão, tendo sido o que levou nos levou

²⁸⁴ A julgar pela informação da capa do volume *Neerlandês-Português* da Porto Editora, este perdeu 1000 artigos na edição da Van Dale.

²⁸⁵ De igual modo, no volume *Neerlandês-Português*, incluíram-se palavras como *blingbling* e *beamer* que, curiosamente, são iguais em português e até veiculam o mesmo conteúdo semântico.

a afirmar no Preâmbulo que, entre 1999 e 2009, se publicaram 3 e não 4 dicionários de grande porte.

3. Considerações finais

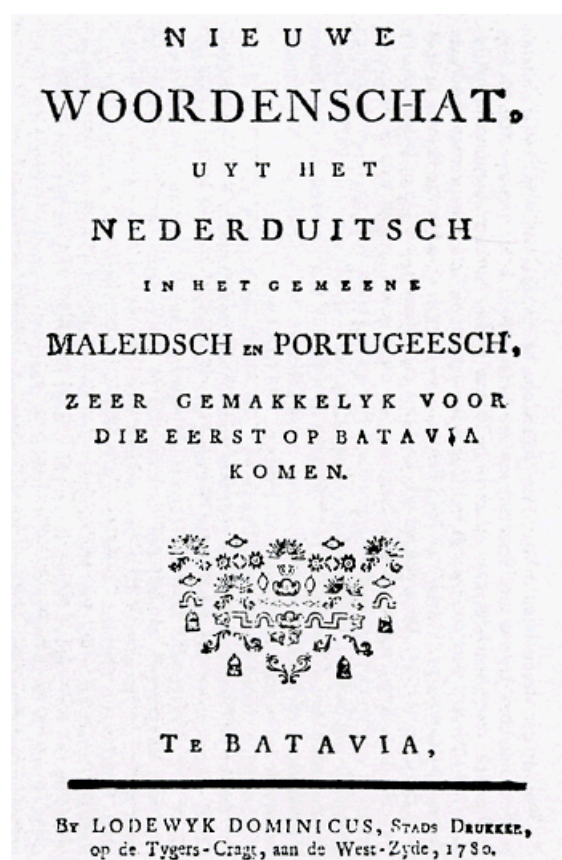
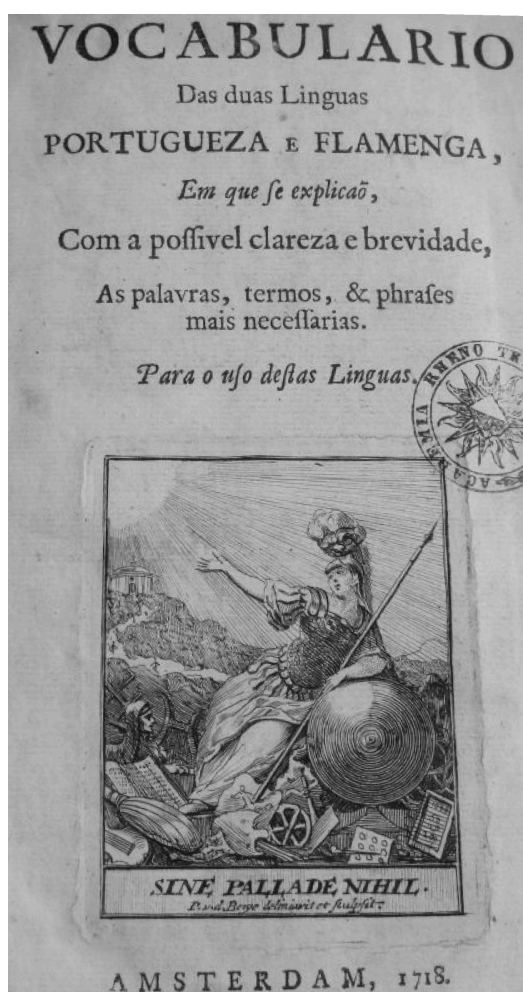
Procurou-se dar um panorama da produção lexicográfica luso-neerlandesa, desde o seu início até hoje e espera-se ter resultado evidente que, além de ter sido limitada, nem sempre foi de uma qualidade aceitável.

Foi particularmente a necessidade em comunicar ou aprender uma das línguas que levou à génese dos primeiros produtos lexicográficos, em paralelo com a elaboração de manuais para o ensino de uma das duas línguas; assim aconteceu com os *Colloquia* de Berlaimont como, inclusivamente, com os mini-dicionários dos anos 50 do século passado. O que leva a concluir que, para estes autores, ‘dominar uma língua’ equivaleria a ‘conhecer o seu léxico’.

Voltando à frase de Boisson (1991: 261) em epígrafe “Any non-random lexical list can be considered as a dictionary”, crê-se que, tendo em mente os princípios lexicográficos actuais, ela apenas é verdadeira quando aplicada aos vocabulários de século XVIII como o *Tesouro dos Vocábulos das Línguas Portuguêsa e Bélgica* de Alewijn e o *Nieuwe Woordenschat ...* editado por L. Dominicus.

Verificou-se igualmente que questões fundamentais como o estabelecimento de prioridades na selecção dos constituintes da macroestrutura, indicação e seriação das diferentes acepções da palavra entrada no interior da microestrutura, e a necessidade de inclusão de fraseologia e de exemplos, continuam a ser problemáticos. Estes aspectos foram ilustrados principalmente nos dicionários de *Português-Neerlandês* de Keesom e mais tarde da Van Dale.

Pensamos que, para além da necessidade de usar corpora e listas de frequência na produção de dicionários bilíngues, seria bem frutuoso adoptar uma perspectiva contrastiva e procurar também inserir nos futuros dicionários aquelas particularidades das línguas em que o falante não nativo mais tropeça. Além do mais, na perspectiva quer do utilizador quer da integridade linguística das línguas é imperioso que os dois volumes formem uma unidade. Ao contrário dos seus antecessores, o lexicógrafo de hoje, graças às novas técnicas da lexicografia computadorizada, tem ao seu alcance o *desideratum* da coerência.



(Esquerda) Folha de rosto do *Tesouro dos Vocábulos das Linguas Portuguéza e Bélgica* (Alewijn, Collé: 1714-1718); (direita) folha de rosto do vocabulário Neerlandês-Malaio-Português, editado por L. Dominicus, gravura retirada de Groeneboer, Kees, 2006 (1993).